

Rosani Trindade Rodrigues

Univercidade Nacional Três de Febrero, UNTREF - Argentina

rosanitrindade@yahoo.com.br

Estado, globalização e políticas educacionais: mídias na Educação.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo, verificar como as mídias na educação são usadas pelo Estado. O Brasil, sendo um país em desenvolvimento, na área da educação passa por várias transformações. Discussões que partem desde o percentual do Produto Interno Bruto (PIB) para a educação até a discussão sobre a federalização da educação. Com a globalização, as políticas educacionais existentes, graças à modernidade técnica/tecnológica, passam por modificação. Porém, a globalização pode deixar uma parcela da população sem acesso a essas novas políticas educacionais, pois já que precisam de um novo suporte, alguns podem ser excluídos, mas se torna tarefa governamental levar essa nova forma de educação para todos, sem exclusão. Devemos buscar ampliar cada vez mais o acesso de todos à informação e as novas tecnologias, por uma política educacional democrática e aberta para todos os brasileiros, na forma da lei. Isso deve ser feito com seriedade, sem monopolizar informações, e sociologicamente dizendo direitos e deveres de todos para com a formação de uma sociedade mais igualitária e justa. Assim, observamos um novo cenário, onde a globalização avança, a tecnologia acompanha este crescimento, que deve ser acompanhado pelas políticas educacionais do Estado.

Palavras-chave: globalização, Políticas Educacionais, mídias na Educação.

A GLOBALIZAÇÃO E AS NOVAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL

A globalização esta em ascensão e produz efeitos nas mais diversas áreas do cotidiano das pessoas e das sociedades. A partir da era das grandes navegações e do colonialismo, o processo econômico passou a difundir-se entre Estados.

Segundo Torres (2001), a globalização é a intensificação das relações sociais em nível mundial, ligando localidades distantes, de tal maneira que acontecimentos locais são marcados por eventos ocorridos a muitas milhas de distância, e vice-versa. Santos (2003) definiu globalização como sendo o processo pelo qual determinada condição ou entidade estende sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de considerar como sendo local outra condição social.

Ao analisar-se o conceito de globalização, na visão do referido autor, nota-se a importância de tratar o impacto da globalização numa sociedade multicultural, ou melhor, abordar as políticas multiculturais como forma de combate à globalização hegemônica.

No entanto, a relação entre multiculturalismo e globalização é de certa forma, ambígua, pois, de acordo com Boaventura (2003), aquilo que habitualmente é chamado de globalização constitui, de fato, conjuntos diferenciados de relações sociais. Com a existência dessas relações sociais, a globalização gera conflitos e, como resultado, haverá povos ou culturas vencedoras e vencidas. Aí entra a questão do multiculturalismo, que, tem por função defender as minorias discriminadas.

A globalização é vista também, como processo de universalização de povos, seja na cultura, economia, no social, dentre tantos outros âmbitos. Ela tem a força de incluir tudo e todos em vários tempos e espaços.

Considerando as diversidades de povos, a globalização também vem a proporcionar elos culturais.

A escola, tendo o papel importantíssimo em proporcionar espaço de reflexão-crítica sobre o atual cenário mundial e sendo um espaço educacional não poderá ignorar os avanços da globalização. Portanto, é imprescindível que este espaço seja de incentivar a sermos um cidadão protagonista nessa sociedade em que estamos inseridos, fazendo parte do processo de construção de justiça e igualdade social.

Hoje, a Educação sofre mudanças significativas no que se refere ao ensino-aprendizagem, na sua didática, avaliação, metodologias, ou seja, uma nova postura sobre o aprender, enfatizando numa prática contextualizada à realidade do aluno.

O aluno, hoje esta no mundo globalizado, tendo acesso a uma gama enorme de informações, portanto devemos repensar as políticas educacionais, onde haja

responsabilidade coerente, ocorrendo de fato um avanço no fazer educacional, este sendo inerente a sociedade em que se almeja, onde possamos agir e interagir, sem exclusão social.

Torres, em entrevista A Página da Educação, responde: “ Nas políticas educativas quais seriam os marcos de referência que permitem aos professores saberem se estão a optar por um trabalho pela democratização ou pelo neoliberalismo”?

A globalização não neoliberal defende os princípios do iluminismo e da universalidade. O professor é um grande personagem da globalização e fá-la todos os dias na sala de aula, porque um professor ensina arte, mas não ensina apenas arte portuguesa. O professor é um grande globalizador; já decidiu, na medida em que ajuda a difundir a cultura universal. Portanto, a questão é que a universalidade do iluminismo continua a ser um fenómeno de globalização e de criação de consciência. A globalização neoliberal é muito mais particularista; provê uma defesa de interesses particulares, e os interesses particulares são interesses de classe, de raça, de género, etc.

Eu não posso dar pílulas de globalização neoliberal e de globalização não neoliberal, para que o professor consuma as que gosta. Não existe tal coisa; é uma decisão. Logo, o professor tem que usar um juízo crítico, e esse juízo crítico deve estar bem formado - um bom professor é um bom pesquisador.

Ou seja, não há uma resposta para a sua pergunta. Eu não tenho uma receita, mas posso analisar situações concretas e ver com um professor o que apoiamos e o que não apoiamos. Em última instância, é uma decisão política!

O compartilhamento de informações referentes à avaliação educacional via globalização, tem causado impacto da informação e interferência na educação brasileira, nos Programas e Projetos nas instituições de ensino, através da aplicabilidade de Programas de outros países, sendo reformulados e aplicados no Brasil. A exemplo, seriam os diferentes exames e avaliações aplicados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), na atualidade. O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, autarquia vinculada ao Ministério da Educação (MEC), tem a missão de promover estudos, pesquisas e avaliações sobre o Sistema Educacional Brasileiro. Os maiores exames e avaliações aplicadas pelo INEP são: Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) e Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Apesar de haver estes exames e termos políticas educacionais vinculadas aos resultados dos mesmos, percebe-se que ainda falta algo para que haja um impacto efetivo na Educação brasileira.

Muito se tem debatido também, sobre os princípios que regem a gestão educacional desde a promulgação da Constituição Federal de 1988. O caráter democrático e participativo de uma equipe gestora no ambiente escolar fora afirmado pela Carta Magna e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Entretanto, ainda que haja experiências de sucesso, sabemos que a política educacional de uma gestão escolar democrática e participativa não foi alcançada de forma plena, o que interfere diretamente nos sistemas organizacionais das escolas brasileiras e nas ações, estratégias e projetos pedagógicos.

O AVANÇO DA GLOBALIZAÇÃO E DAS TECNOLOGIAS ACOMPANHADOS PELAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS

Freire (1998), em semelhança com Santos (GANDIN & HYPÓLITO, 2003), diz que a alternativa também está em lutar por uma globalização que compatibilize o avanço tecnológico com as necessidades sociais:

Assim como não posso usar minha liberdade de fazer coisas, de indagar, de caminhar, de agir, de criticar para coibir a liberdade dos outros de fazer e de ser, também não poderia ser livre para usar os avanços científicos e tecnológicos para levar milhares de pessoas à desesperança. Não se trata impedir os avanços da pesquisa e frear, mas pô-los a serviço das pessoas.

Segundo Freire (1998), todo o avanço tecnológico haveria de corresponder ao empenho real de resposta imediata a qualquer desafio que pusesse em risco a alegria de viver dos homens e das mulheres. Por ora, o desafio é promover uma igualdade material entre os diversos grupos por meio do reconhecimento de suas diferenças, de forma a evitar grupos oprimidos. Deste modo, o multiculturalismo passa a ser o grande instrumento teórico dos desfavorecidos, que buscam ver assegurada a sua dignidade, por meio da igualdade de oportunidades e do respeito a sua identidade.

CONCLUSÃO

Vivemos num tempo em que o mundo está convergindo. Uma contemporaneidade que desencadeia vários aprendizados e influências globais.

Tanto os governantes como os educadores não podem ficar a mercê da globalização, sem serem críticos das informações que se obtém, diria até ingênuo, pois ela faz parte da atualidade, é um caminho sem volta. Vivemos numa era de grande evolução tecnológica, se faz necessário ter discernimento do que será valiosa para sociedade de cada país, respeitando as pluralidades.

Com tudo que foi discorrido neste artigo, podemos concluir que a globalização interfere sim nas políticas educacionais. Não estamos mais presos ao território. Podemos, com poucos cliques, nos conectarmos com qualquer pessoa, em qualquer lugar do planeta.

É, sem dúvida, o maior avanço tecnológico que a humanidade já presenciou. E como comprovado com pesquisas, a Internet faz parte da vida de bilhões de pessoas em todo o mundo. Cada vez mais cedo as crianças tem acesso a essa ferramenta. Ela não é uma realidade distante. Será preciso a adaptação de todos com essa rede. É uma ferramenta que conta com um “sistema de nodos e elos; uma estrutura sem fronteiras; uma comunidade não geográfica; um sistema de apoio ou um sistema físico que se pareça com uma árvore ou uma rede. A rede social, derivando deste conceito, passa a representar um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” (MARTELETO, 2001, p. 72)

A Aprendizagem Coletiva e o novo papel dos governantes, outras duas mudanças importante que surgem com o advento da globalização.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MARTELETO, Regina M. **Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ci. Inf., Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81. 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>> Acesso em: 18 jun. 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

TORRES, Carlos Alberto. **Democracia, educação e multiculturalismo: dilemas da cidadania em um mundo globalizado**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____ A globalização não é o fim da história neoliberalismo ou democratização - eis a apção inevitável para CAT. VIVER, AMAR E CONHECER ...
[Carlos Alberto Torres em Entrevista - A Página da Educação https://www.apagina.pt](https://www.apagina.pt)
No. 76. <Acesso em: 25 set. 2014>

_____ e Burbules, Nicholas C. **Globalização e Educação – Perspectivas críticas**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.